

# CURSO DE DESENHO PARA AS ESCOLAS PROFISSIONAIS TÉCNICAS: A MATERIALIZAÇÃO DAS IDEIAS DO SERVIÇO DE REMODELAÇÃO SOBRE O ENSINO DE DESENHO

## DESIGN COURSE FOR TECHNICAL PROFESSIONAL SCHOOLS: MATERIALIZING THE IDEAS OF THE REMODELING SERVICE ON THE DESIGN TEACHING

Juan Carlo da Cruz Silva 1  
Olívia Morais de Medeiros Neta 2

Doutor em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Estudos sócio-históricos e filosóficos) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6960508882445940>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3727-389X>. E-mail: [juan.cruz@ifrn.edu.br](mailto:juan.cruz@ifrn.edu.br)

Doutora em Educação (Linhas de Pesquisa Educação e Estudos sócio-históricos e filosóficos) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE/UFRN). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542482401254815>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>. E-mail: [olivia.neta@ufrn.br](mailto:olivia.neta@ufrn.br)

**Resumo:** Na década de 1920 a Educação Profissional no Brasil foi marcada pela atuação do Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico. Neste artigo analisamos os produtos da atuação desta comissão no ensino da disciplina Desenho e Trabalhos Manuais através do primeiro volume do manual Curso de Desenho para as Escolas Profissionais Técnicas, dedicado ao ensino de Desenho Figurativo na etapa pré-vocacional – dois anos iniciais – dos cursos de aprendizes artífices. Tendo como referencial a História das Disciplinas Escolares segundo Chervel e o Método Histórico conforme preconiza Jörn Rüsen, tomamos o manual didático enquanto fonte que nos permite compreender as ideias em circulação sobre o ensino de Desenho que foram chanceladas pela comissão e difundidas pelo país com a publicação e divulgação dos manuais. Vemos que através destes manuais, o serviço de remodelação estabelece um elo entre os saberes de Desenho e de Trabalhos Manuais, vistos anteriormente como disciplinas distintas, importando ideias estrangeiras para basear a reforma da Educação Profissional brasileira.

**Palavras-chave:** Escola de Aprendizes Artífices. Ensino de Desenho. História da Educação Matemática. História da Educação Profissional. Manuais Didáticos.

**Abstract:** From the 1920s onwards the Professional Education in Brazil is marked by the role of the Technical Vocational Education Remodeling Service. In this article we analyze the products of the work of this commission in the teaching of the discipline of Drawing and Handicrafts through the first volume of the Drawing Course for Technical Vocational Schools manual, dedicated to teaching Figurative Drawing in the pre-vocational stage - two initial years - of the courses of apprentice craftsmen. Having as a reference the History of School Disciplines according to Chervel and the Historical Method as recommended by Jörn Rüsen, we took the didactic manual as a source that allows us to understand the ideas in circulation about the teaching of Drawing that were approved by the commission and disseminated throughout the country with the publication and dissemination of manuals. We see that through these manuals, the remodeling service establishes a link between the knowledge of Drawing and Manual Works, previously seen as distinct disciplines, importing foreign ideas to base the reform of Brazilian Professional Education.

**Keywords:** School of Artificial Apprentices. Drawing Teaching. History of Mathematics Education. History of Professional Education. Didactic Manuals.

## Introdução

Nosso objeto de estudo é o ensino de Desenho. Analisamos nesse texto o primeiro volume do manual de Desenho elaborado por essa comissão.<sup>1</sup>

Esse trabalho é resultado de uma pesquisa que se encontra na interface dos campos da História da Educação e da Nova História Cultural, dentro dos domínios da História das Disciplinas Escolares, História da Educação Profissional e História da Educação Matemática. Tomamos como referenciais na obra de Roger Chartier as noções de Representações<sup>2</sup>, Práticas<sup>3</sup>, Apropriações<sup>4</sup> e Circulação das Ideias<sup>5</sup>, bem como o objeto de estudo: o livro. Seguimos os fundamentos teóricos da História das Disciplinas Escolares conforme André Chervel (1990) e Dominique Julia (2001). Ambos os autores enfatizam que, junto a outros elementos, cabe ao historiador das disciplinas “interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares” (JULIA, 2001, p. 18). Nas palavras de Chervel (1990, p. 202).

Dos diversos componentes de uma disciplina escolar, o primeiro na ordem cronológica, senão na ordem de importância, é a exposição pelo professor ou pelo manual de um conteúdo de conhecimento. [...] Para cada uma das disciplinas, o peso específico desse conteúdo explícito constitui uma variável histórica cujo estudo deve ter um papel privilegiado.

O método de pesquisa que privilegiamos nesse trabalho está alicerçado em Rüsen (2015), no qual o método histórico é visto como mediador e regulador do processo cognitivo da construção do conhecimento histórico “que torna seus procedimentos cognitivos (ou etapas reflexivas) particulares (distinguíveis artificialmente uns dos outros) reconstruíveis, controláveis e, com isso, criticáveis.” (RÜSEN, 2015, p. 171), dando-lhes, por meio da pesquisa guiada por regras, a capacidade de ser caracterizada como ciência. Para Rüsen (2015), ao método se estabelece em três etapas: heurística, crítica e interpretação. Na heurística encontra-se a formulação da pergunta histórica. Para nosso objetivo, estipulamos a busca da compreensão de *quais foram as ideias circulantes apropriadas e difundidas pelos Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico através da confecção e distribuição de manuais para o ensino de Desenho?* A escolha da disciplina Desenho se fundamenta na ênfase que é dada à essa disciplina na Educação Profissional brasileira, conforme disposto já na criação das Escolas de Aprendizizes Artífices pelo Decreto-lei nº 7.566/1909 e analisado em detalhe na obra de Silva (2021). Diante da pergunta, elencamos a fonte histórica a ser analisada, o manual didático que é um objeto de circulação onde encontramos valores e comportamentos, e como recurso didático é objeto para ensinar, assim nos possibilita “entender as concepções educativas e a finalidade da escola e da disciplina na qual se estabelecia a formação dos sujeitos” (SILVA, 2021, p. 186).

A historiografia das disciplinas escolares já oferece ao manual didático um papel de centralidade já que este nos fornece os conteúdos explícitos do ensino, que é tarefa primeira do historiador analisar (CHERVEL, 1990).

---

1 Texto decorrente das pesquisas realizadas para a tese de Silva (2021).

2 As representações podem ser compreendidas como “esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17)

3 Enquanto par conceitual de representação temos o conceito de práticas, ou seja, modos de agir e ser, histórica e socialmente, discernido e diferenciado em relação às representações, ou seja, ações oriundas das percepções do mundo social através das representações. (SILVA, 2021, p. 35)

4 Segundo Chartier (2002, p. 68), “apropriação tal como entendemos visa uma história social dos usos e das interpretações, relacionados às suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem”. O autor compreende que a apropriação deve ser “colocada no centro de uma abordagem de história cultural que se prende com práticas diferenciadas, com utilizações contrastadas. Tal reformulação, que põe em relevo a pluralidade dos modos de emprego e a diversidade das leituras.” (CHARTIER, 1990, p. 26)

5 Junto ao conceito de apropriação devemos levar em conta a circulação das ideias. Para Chartier, as ideias e as práticas culturais circulam e são apropriadas criativamente dentro do campo de concorrências e competições das representações. Essa circulação é imprescindível para a compreensão da prevalência de uma representação sobre as demais (SILVA, 2021, p. 37)

O estudo dos conteúdos beneficia-se de uma documentação abundante à base de cursos manuscritos, manuais e periódicos pedagógicos. Verifica-se aí um fenômeno de “vulgata”, o qual parece comum às diferentes disciplinas. Em cada época, o ensino dispensado pelos professores é, grosso modo, idêntico, para a mesma disciplina e para o mesmo nível. Todos os manuais ou quase todos dizem então a mesma coisa, ou quase isso. (CHERVEL, 1990, p. 203, grifo do autor).

Assim, nos dedicamos a analisar essa vulgata instaurada pelo manual elaborado pela comissão de engenheiros formada na década de 1920, vista a partir das orientações didático-metodológicas dadas ao professor através do manual, dos conceitos e terminologia adotado, bem como da organização do *corpus* do conhecimento. Além da vulgata conforme descrita por Chervel (1990), os exercícios resolvidos e/ou propostos também constituem um importante elemento de análise, pois “sem o exercício e seu controle, não há fixação possível de uma disciplina. O sucesso das disciplinas depende fundamentalmente da qualidade dos exercícios aos quais elas podem se prestar.” (CHERVEL, 1990, p. 204).

## O serviço de remodelação do ensino técnico profissional e suas estratégias de circulação das ideias

No período denominado pela historiografia brasileira de Primeira República ou República Velha, o Brasil passou por mudanças socioeconômicas oriundas de fatos como o fim da escravidão, as imigrações, a aceleração da industrialização e da urbanização que culminaram no surgimento de grandes centros urbanos. O ideário republicano buscava construir a soberania nacional alicerçada no progresso (ideia herdada do positivismo), na estrutura social sólida e ordenada, distinta da aparente confusão e desordem do período imperial.

Nesse cenário, a educação deveria promover uma socialização integral do educando, de maneira conformista e adaptativa, aos principais valores socioculturais vigentes e a busca de cada um pelo seu lugar social que lhe conferiria funcionalidade à sociedade. Dessa forma, a Educação Profissional era vista como primordial para o país e as escolas com esses cunhos deveriam ser locais privilegiados onde as ideias positivistas deveriam difundir-se.

Em 1909, tivemos a ação republicana de institucionalização da educação profissional no Brasil, foi publicado o Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, criando em todas as capitais dos estados Escolas de Aprendizes Artífices para o ensino profissional e gratuito. O mesmo decreto apresenta os motivos de sua publicação.

Considerando: Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar cidadãos uteis à Nação (BRASIL, 1909a).

A partir das justificativas do decreto notamos que as principais motivações se encontravam na tentativa de solucionar as dificuldades sociais oriundas da crescente urbanização que ocorria nas cidades e não diretamente para a adequação econômica e formação de mão-de-obra em vista do desenvolvimento industrial do Brasil.

As Escolas criadas estariam subordinadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o que indica sua ligação com o desenvolvimento econômico do país. As sedes seriam cedidas pelos Estados ou em instalações da própria União. Além disso, definiam-se os funcionários de cada instituição e seus vencimentos, bem como os critérios para seleção dos aprendizes. Cabe destacar que era estabelecido a preferência pelos “desfavorecidos da fortuna” e

que estivessem dentro dos padrões higienistas da época, não sofrendo de doenças infecto-contagiosas e sem “defeitos físicos que os inabilitem para a aprendizagem do ofício” (BRASIL, 1909a).

Quanto aos cursos primários e de desenho, tem-se que o decreto omitia seu currículo, delegando ao diretor a responsabilidade de construí-los. Estes, em sua maioria, eram bacharéis em Direito indicados pelas lideranças políticas dos estados da federação e que não tinham contato ou formação nos campos da Educação ou da profissionalização para a indústria. O curso de Desenho trazia em seu bojo a representação de ser fundamental para o ensino, pois devia ser ministrado se houvesse necessidade para a prática dos ofícios, pois era obrigatório “para os alunos que carecerem dessa disciplina para o exercício satisfatório do ofício que aprenderem” (BRASIL, 1909a).

Ainda em 1909, outros dois decretos sobre as Escolas de Aprendizes Artífices foram publicados pelo governo federal. O decreto nº 7.649/1909 (BRASIL, 1909b) estabeleceu que os cursos primários e de desenho deveriam ser ministrados, respectivamente, por normalistas e especialistas em Desenho. Anteriormente, esses cursos estavam a cargo do diretor da escola.

O decreto nº 7.763/1909 estabelecia que as oficinas existentes deveriam ser em número de cinco e “que forem mais convenientes e necessárias ao Estado em que funcionar a escola, consultadas, quanto possível, as especialidades das indústrias locais” (BRASIL, 1909c). Quanto ao curso de Desenho, as instruções referentes a esse decreto, no inciso 3º do artigo 3º determinava que:

o curso de desenho, que também funcionará das 5 horas da tarde às 8 horas da noite, *compreenderá o ensino de desenho de memória, do natural, de composição decorativa, de formas geométricas e de máquinas e peças de construção*, obedecendo aos métodos mais aperfeiçoados. (BRASIL, 1909, grifo nosso).

A lista apresentada constituiu-se o único normativo oficial acerca do programa de Desenho até 1926. Nos marcos legais subsequentes à criação das Escolas de Aprendizes e Artífices voltou-se a omitir uma sugestão de programa, deixando-o a cargo dos professores em acordo com os diretores para ser submetido ao ministério. Essa descentralização curricular foi constantemente relatada como problema para as escolas de artífices no Brasil e registrada na historiografia da educação profissional. Outros problemas expostos desde Fonseca (1961) até trabalhos historiográficos mais recentes, como Cunha (2005), foram a falta de professores, a estrutura precária dos locais cedidos pelos estados da federação para a existência das instituições e a alta evasão dos discentes devido às dificuldades socioeconômicas destes.

De modo geral, nas Escolas de Aprendizes Artífices “é possível constatar o pequeno número de concluintes” (CUNHA, 2005, p. 108). Em sua obra sobre o Ensino Industrial, Fonseca (1961) destaca que a evasão escolar era causada pelas necessidades socioeconômicas dos discentes, que saíam das escolas para se inserirem no trabalho de fábricas e oficinas mesmo com a curso inconcluso.

Tais razões provocaram a criação do Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico, a cargo de João Lüderitz – e por isso, comumente denominada Comissão Lüderitz – então diretor do Instituto Técnico Profissional da Escola de Engenharia de Porto Alegre, posteriormente denominado Instituto Parobé, escola que despontava como aquela que atingira suas finalidades proveitosamente. A comissão tinha a função de examinar as escolas e propor medidas para torná-las mais eficientes.

João Lüderitz graduou-se em Engenharia Civil, no ano de 1904, pela Escola de Engenharia de Porto Alegre (EEPA)<sup>6</sup>, instituição criada em 1896 e com clara fundamentação positivista comte-

6 A EEPA buscava formar engenheiros para uma racionalização da produção industrial que aumentaria a lucratividade das indústrias e “pretendia auxiliar no processo de formação de mão-de-obra e domesticação do operariado” (QUELUZ, 1998, p. 105). Para Silva (2021), os membros contratados para a Comissão no início de seus trabalhos foram formados nas concepções da EEPA. A confiança dada aos membros do Instituto Parobé não se justificava apenas pelas relações estabelecidas entre Lüderitz e seus colaboradores, mas a própria instituição apresentava resultados, métodos e concepções diferenciadas das demais Escolas do território nacional, recebendo, assim, destaque no alcance de seus objetivos (QUELUZ, 1998). Quanto à prática docente na instituição, temos que

ana e com apadrinhamento do Partido Republicano gaúcho. Ele possuía experiência na gestão da educação profissional no Rio Grande do Sul e “havia visitado estabelecimentos de ensino similar na França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Inglaterra e Estados Unidos para examinar os sistemas de ensino técnico vigentes nesses países” (SHIMIZU, 2010, p. 9).

A influência europeia e norte-americana na concepção de ensino profissional através de João Lüderitz é marcante, pois o mesmo, ainda enquanto diretor do Instituto Parobé, realiza viagens à Europa e Estados Unidos, visitando instituições profissionalizantes destes locais e conhecendo autores de livros que versavam sobre o ensino profissional.

João Lüderitz como diretor do Instituto Técnico Profissional dava ênfase ao enfoque prático. Conforme Barbaresco e Costa (2020), no Curso Elementar, buscava-se alfabetizar os alunos e fornecer-lhes conhecimentos básicos para iniciação na formação profissional. Além disso, iniciava-se os discentes em trabalhos manuais e no contato com as empresas/indústrias por meio de visitas favorecidas pela escola. No Curso Técnico, as aulas teóricas continuavam, mas a ênfase era dada no trabalho nas oficinas que constituíam as diversas seções. O Desenho era disciplina de todos os cursos e em todos os anos. No Curso Elementar, iniciavam-se os alunos no desenho através dos cortes de silhueta e representando à mão livre formas familiares. Em seguida, passava-se ao desenho à mão livre de vários objetos, o desenho figurativo e a utilização de cores, para então levá-los aos desenhos de paisagens, trabalhos construtivos e modelos ou modelos decorativos e suas aplicações, terminando com desenho de perspectiva, desenho geométrico industrial e estudo de pintura e trabalhos artísticos. Quanto ao Curso Técnico, no primeiro ano tinha-se a disciplina *Desenho Industrial e Geométrico* e nos demais anos *Desenho Industrial e Tecnologia*.

Lüderitz buscou levar o projeto de ensino vigente no Instituto Técnico Profissional que dirigia para as demais escolas profissionais do país ao assumir o Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional. Para comissão, a industrialização das escolas era estratégia fundamental e consistia em “proporcionar as oficinas escolares o necessário movimento industrial, para que a prática da oficina e a efetiva aprendizagem dos alunos sejam uma realidade.” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO, Circular nº 675 de 07/05/1926, *apud* QUELUZ, 1998, p. 106).

Outras das principais estratégias para difusão destas concepções foram a proposta de mudança normativa legal das instituições (que não teve êxito até o ano de 1926, com a publicação da Portaria de Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices), a inserção de membros da comissão para a gestão de algumas instituições e a confecção e distribuição de manuais didáticos.

Com a Portaria de Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizes Artífices de 13 de novembro de 1926 as ideias do Serviço de Remodelação tiveram maior impacto no ensino profissional. A tese da industrialização das escolas, que gerou muitas polêmicas desde o projeto de 1923, realizou-se pela implantação da permissão das Escolas aceitarem encomendas sob determinadas condições do contratante. A portaria determinava que a preferência para assumir o trabalho encomendado era dos alunos, mas admitia a contratação de diaristas ou tarefeiros externos à instituição, dependendo da quantidade, urgência ou grau de dificuldade da encomenda.

Nos incisos do artigo 2º da Consolidação determina-se a uniformização do currículo. Nos dois primeiros anos, deveria ser ministrado o curso primário e o curso de desenho. Paralelamente a estes, deveria ocorrer a aprendizagem de trabalhos manuais “como estágio pré-vocacional da prática de ofícios”. Os livros da série Trabalhos Manuais dariam suporte ao ensino desta disciplina.

Nos dois anos seguintes, que podiam ser expandidos por mais dois anos complementares, ocorreriam os ensinamentos práticos não mais em ofícios únicos, mas em seções de ofícios correlatos (como proposto no Projeto de Regulamento de 1923). O último ano complementar era dedicado ao aprofundamento, ou seja, a especialização do discente. A portaria também determinava a carga horária das disciplinas em cada ano e dava ao Desenho um percentual de 42% da carga horária máxima do curso nos dois primeiros anos iniciais. Os programas das disciplinas, incluindo o Desenho, seriam elaborados pelos professores e mestres de oficinas, aceitos provisoriamente.

---

se estabelecia “uma concepção de ensino, em que o saber fazer tinha precedência sobre a titulação. Esse enfoque em um ensino prático tinha suas bases nos modelos das escolas profissionais norte-americanas e das escolas alemãs” (BARBARESCO; COSTA, 2020, p. 53).

riamente e submetidos para análise do ministério. Contudo, essa autonomia, estranha diante das ideias de Lüderitz que criticava a liberdade excessiva, era superficial, pois a Consolidação instituiu a criação de um Serviço de Inspeção do Ensino Técnico Profissional no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que tinha entre suas atribuições

Promover e elaborar a organização e a revisão dos programas, regimentos internos, horários, projetos de construção e instalação e de execução de serviços de aprendizagem escolar, para as diversas escolas acima citadas e submetê-los à aprovação superior, dirigindo os trabalhos decorrentes das respectivas autorizações (BRASIL, 1926, p. 258).

Inferimos que, na prática, qualquer programa que diferisse do apresentado indiretamente através dos manuais elaborados pela Comissão Lüderitz, seria invalidado pelo Serviço de Inspeção. Esse, composto por um corpo de inspetores oriundos do Serviço de Remodelação e liderados ainda pelo próprio João Lüderitz.

Outra importante ação do Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional foi a uniformização dos livros didáticos a serem utilizados pelas escolas. Foram escolhidos livros para as disciplinas do Primário e, para o ensino de Desenho e das oficinas, seria renovado pelo norteamento dado pelos livros editados e distribuídos pelo Serviço de Remodelação. A partir de 1926, eles foram lançados pela Papelaria Americana do Rio de Janeiro. Segundo Silva, a série *Trabalhos Manuais* iniciou com a publicação do primeiro volume, denominado *Cartonagem*, seguido de *Empalhação e Estofaria*, ambas traduções e não trabalhos originais. Em seguida, a série terminava com *Modelagem e Moldação* e, por fim, *Cestaria*. Sendo apenas este último uma obra original. Após esta série de livros, foram editados *Trabalhos em Madeira*, *Curso de Desenho* e *Cadernos de exercícios preparatórios de Desenho*.

Passaremos a analisar como as ideias do Serviço de Remodelação foram colocadas em circulação através desta produção e distribuição de Manuais Didáticos, focando no Ensino de Desenho através do volume 1, usado no curso pré-vocacional.

## O ensino de desenho segundo o serviço de remodelação

Tivemos acesso às obras denominadas *Curso de Desenho para as Escolas Profissionais Técnicas*, cujo volume 1 tem como subtítulo Desenho Figurativo e o volume 2 Desenho Construtivo. Tais obras foram publicadas em 1928 pela Papelaria Americana do Rio de Janeiro e elaboradas pelo Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Segundo relatórios ministeriais e do Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional, estas obras foram distribuídas nas Escolas de Aprendizes Artífices na intenção de facilitar o ensino de Desenho de acordo com as instruções da comissão.

**Figura 1.** Capa do Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas Desenho Figurativo



Fonte: Acervo do Autor.

**Figura 2.** Verso da Contracapa de Curso de Desenho as Escolas Profissionais Técnicas



Fonte: Acervo do Autor.

A capa da obra já traz elementos que comprovam esta como parte da coleção elaborada pelo Serviço de Remodelação. Na Figura 2, temos dispostos ao lado do título das obras analisadas o ano em que estas foram publicadas pela editora. É importante destacar que estas eram uma compilação das ideias do serviço de Remodelação acerca do Ensino de Desenho. Anteriormente, em 1924, foram elaborados e distribuídos *Cadernos de Desenho* para as Escolas de Aprendizes Artífices conforme consta em Brasil (1925). Tais cadernos foram uma primeira tentativa de sistematização da prática de ensino de Desenho, elaborada pelos membros do Serviço de Remodelação posta em circulação. A obra que analisamos faz alusão aos cadernos, reproduzindo alguns de seus exercícios. Infelizmente, não tivemos acesso a tais fontes. Contudo, entendemos que as obras Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas constituem-se como uma ampliação e consolidação das ideias para o ensino de Desenho da educação profissional que estavam de acordo com as propostas do Serviço de Remodelação, que orientava a publicação das obras – que demandavam maiores investimentos do que a publicação dos cadernos já mencionados.

Algumas informações importantes eram dispostas na seção “Ao Leitor” do primeiro volume. Além da declarada orientação, alega-se a falta de um trabalho em português para o ensino de Desenho na Educação Profissional, o que demonstra que as ideias dispostas em Cadernos de Desenho elaboradas pelo Serviço de Remodelação ainda não traziam, em sua totalidade, as ideias desta comissão. Por fim, dispõe-se a demonstrar claramente a quem se destina a obra, a saber, autodidatas e professores. Com efeito, ao longo de todo o texto, vimos que a redação é uma sequência de orientações metodológicas, reflexões de cunho profissional ou pedagógico, exemplos e sugestões de exercícios a serem desenvolvidos para o aprendizado prático do Desenho.

Ainda na seção “Ao Leitor” ficava explícito o caráter de sugestão metodológica e que a obra era uma adaptação e compilação de obras estrangeiras e não originalmente nacional, o que podemos identificar como apropriação criativa, segundo as denominações dadas por Chartier (1990). Por tal afirma-se que

Não querendo, não podendo e não devendo, mesmo, ter-se a pretensão de parecer, por injustificável vaidade, criador de sistemas e métodos novos, como de motivos e estilos ditos nacionais, houve, ao organizarem-se *essas sugestões*, a única preocupação de eliminar dos *originais estrangeiros, aproveitados e adaptados*, cenas e assuntos que não fossem de todo adaptáveis ao ambiente nacional, substituindo os regionalismos de lá, pelos de cá, [...] conservando, contudo, aquilo que já adquiriu foros de internacionalismo e o que é comum a todos os países, podendo ser perfeitamente aceito aqui pelo cunho educativo.

*Assim, nada mais representam estas notas que a adaptação nacionalizada dos preceitos estabelecidos por autoridades pedagógicas e artísticas (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 3-4, grifo nosso).*

Em seguida, a citação anterior à obra destaca autores – entendidos como autoridades pedagógicas e artísticas – de ensino de Desenho que foram adaptados no livro que dispomos no Quadro a seguir.

**Quadro 1.** Autores citados na obra Curso de Desenho para Escolas Técnicas Profissionais Volume 1

Nome	Profissão	Obras
Pedro Lemos	Diretor do Museu de Bellas Artes de Leland, Stanford Júnior University	
Royal B. Farnum	Diretor de Educação em Artes do Estado de Massachussets	Practical Drawing: Art Education
C. Valentim Kirby	Diretor de Educação em Artes do Estado da Pensylvania	Practical Drawing: Art Education
George Sheldom Dutch	Diretor de Educação em Artes da Escola Normal de Nashville	Practical Drawing: Art Education
Lida Hooe	Inspetor de Desenho nas Escolas públicas de Dallas	Practical Drawing: Art Education
Bonnic E. Snow	Chefe de Departamento de Artes na Escola de Artes Aplicadas de New York	Industrial Art Textbooks
Hugo B. Froehlich	Diretor de Departamento de Trabalhos Manuais nas Escolas públicas de Newark	Industrial Art Textbooks

**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

Além dos trabalhos apresentados no quadro anterior, outras obras são citadas como tendo sido adaptadas. São elas: a obra espanhola “Dibujo Elemental”, de Nualart; a obra alemã “Aufgaben fuer Zeichnen und Werktaetigkeit”, de Karl Essner; bem como as obras norte-americanas “Schnell Perspective” e “Mechanical Drawing”, cujos autores são identificados, respectivamente, apenas por Haeder e Smith. Ao longo da obra ainda são acrescentadas, por meio de notas de rodapé, as obras “Schnellzeicher” do alemão Franz Roesler, e as obras norte-americanas “Art Education Drawing Books” e “The Parallel Course Drawing Books” cujos autores não foram identificados. A partir da existência das obras citadas nos manuais produzidos pelo Serviço de Remodelação torna-se evidente que a disciplina Desenho continua sendo (re)constituída a partir das ideias em circulação no mundo (e importadas ao Brasil), em especial, dos Estados Unidos e da Europa.

Também na seção “Ao Leitor”, a obra já apresenta sua defesa de que o Desenho e os Trabalhos Manuais não deveriam ser vistos como um apêndice ao curso primário. Além disso, ficava evidente a opção pelo desenho numa perspectiva artística, prática, associada ao método intuitivo e, de modo implícito, alicerçadas nas ideias de Pestalozzi e Froebel.

Como já foi acentuado em muitas sugestões havidas sobre o ensino de desenho e dos trabalhos manuais conexos, essas disciplinas no ensino primário precisam ser ensinadas, com a finalidade educativa correspondente e *não como um acessório do programa* (só para que pareça moderno); razão é essa bastante, para que *tenha o respectivo ensino uma tendência prática a par de dever presidir aos ensinamentos, a inspiração artística que originou na manifestação humana a expressão gráfica e plástica de suas concepções.* (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 4; grifo nosso).

Analisando *Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas Volume 1*, temos que o livro é composto por 5 capítulos. No capítulo 1 foi discutida a finalidade do ensino de Desenho e dos Trabalhos Manuais<sup>7</sup>, o processo de educação prática e a necessidade de formação do gosto pelos exercícios de desenho, ou seja, as motivações que deveriam estimular os alunos ao ensino de Desenho e Trabalho Manuais.

No primeiro capítulo da obra eram apresentados, em termos gerais, as concepções dos

<sup>7</sup> Esta é a nomenclatura usual do livro, associando dois conjuntos de saberes que se entrelaçam.

autores sobre o Desenho e os Trabalhos Manuais para a educação profissional, as finalidades do ensino de desenho e a importância da educação prática e da motivação para que fossem atingidos os objetivos esperados.

De início, a obra já se dispunha a explicar a relação entre a arte/desenho e a produção; ao afirmar que “todo e qualquer trabalho manual ou manufatura vem a ser um objeto de arte, como se costuma dizer, quando esta presidiu na execução e foi acrescida na feitura” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 7) já evidenciava-se que a produção oriunda do trabalho humano estava relacionada com a arte, o fazer e a estética, portanto a temática da obra é relativa à profissionalização. Em seguida, criticava-se a maneira com a qual se lida, no campo educacional, com o Desenho e os Trabalhos Manuais, comentando que tal ensino ainda não era realizado com o necessário interesse nas escolas públicas. Ainda, no primeiro capítulo a obra apresenta a quem se deve priorizar o ensino de desenho conforme disposto no livro: adultos “que queriam ressarcir o que perderam em seu tempo de escola e que precisam aprender alguma coisa de arte aplicada” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 8) e crianças. Note-se que é afirmado o ensino de desenho para crianças em geral e não apenas para aqueles de cursos profissionais, o que nos faz entender que, implicitamente, a obra defende o ensino de desenho de modo universal e não restrito às classes trabalhadores.

Segundo a obra, inspirada nas ideias do alemão Karl Elssner, *Trabalhos Manuais* são toda e qualquer ocupação em que se manipulassem materiais para com o objetivo de educar o gosto construtivo e artístico e Desenho era uma maneira metodizada de se exprimir análoga e usual à escrita e a linguagem. (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928).

Ao apresentar a finalidade do curso de desenho, realizava-se uma longa citação da obra do alemão Karl Elssner na qual o desenho era visto como forma de expressão, semelhante às palavras e à escrita, aplicada às artes e as indústrias. Além disso, defendia-se que o ensino de desenho pertencia à educação corrente de todo ser humano, mas também é educação artística devido ao seu componente estético. Expõem-se que a prática é o método mais viável para o aprendizado e, dessa forma, a aula de Desenho deveria ser permeada de exercícios contínuos, assim como com o estímulo e exercício de observação, pois “só conseguirá desenhar certo quem souber ver direito, e um bom desenho será sempre a prova real, aliás única, de capacidade de observação do autor” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 10).

Por fim, ainda citando a obra de Elssner, defendia-se o reconhecimento das manifestações individuais das crianças que seriam obtidos pela observação e pelas experiências – o que novamente apontava a forte influência pestalozziana na obra – e o estímulo à compreensão de que o desenho e os trabalhos manuais eram formas de expressão que deveriam ser utilizadas como meio educativo, de tal forma que chegariam a defender que, numa realidade ideal, o desenho e os trabalhos manuais não deveriam ser disciplinas isoladas, mas “elemento integrante e entrelaçado no quadro das demais disciplinas” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 11). As ideias pestalozzianas continuavam a ser defendidas quando os autores da obra se propuseram a dissertar acerca da educação prática e das motivações, chegando a estimular o protagonismo da criança na escola e o estímulo a desenvolver as tendências inatas delas. Contudo, um viés pragmático foi defendido como ponto nevrálgico para estímulo à racionalidade. Com efeito, “ponto capital nas aprendizagens práticas escolares é sempre o de poder a criança perceber a razão de ser e a finalidade de um trabalho” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 14), ou seja, para o educando que desenhava em vista de aplicar a arte à produção seria necessário perceber que a obra artística não era recreativa, mas existia para uma finalidade, deveria ter uma função.

A obra também tratava da formação dos docentes para a disciplina Desenho. Segundo o disposto no texto era sugerido que o professor primário também fosse responsável pelo curso de Desenho no estágio pré-vocacional da educação profissional em vista de uma melhor articulação entre o Desenho e as demais disciplinas e ao conhecimento do professor normalista da capacidade de aprender dos discentes. Contudo, destacava-se que, no caso de professores

especialistas em Desenho com formação de normalistas ou docentes que tivessem gosto/inclinação para o assunto, também favorecessem o ensino ao assumissem o Desenho nesta etapa pré-vocacional.

Em todos os capítulos existiam seções denominadas por meio de letras maiúsculas, com seus parágrafos enumerados em algarismos romanos. A obra trazia uma orientação denominada por “*Metodologia de Ensino de Desenho e Trabalhos Manuais*” antes do primeiro capítulo, que consistia em um programa de curso descrevendo os assuntos a serem dados, sua localização no livro, o período letivo no qual deveriam ser ministrados e o que deveria ser avaliado em cada período letivo para provar a capacidade do aluno. Dessa forma, observamos a tentativa daquilo que, segundo os padrões do Serviço de Remodelação, convencionou-se chamar de racionalização do ensino de Desenho, reduzindo a liberdade de cátedra e de opção metodológica dos docentes das escolas profissionais. Transcreveremos, no quadro 2, conforme disposto na orientação da obra *Curso de Desenho para Escolas Técnicas Profissionais* Volume 1:

**Quadro 2.** Metodologia do Ensino de Desenho e Trabalhos Manuais conexos nos 2 anos do Curso Pré-vocacional

Assunto	Capítulo	Parágrafo	Página	Meses Letivos	Prova de Capacidade
<b>1º ano</b>					<b>1º Semestre</b>
Desenho espontâneo de memória (contos infantis)	2º	A. I a VI	18 a 19	Fevereiro	<p><b>1ª.</b> No fim dos três primeiros meses do ano o aluno deve ser capaz de representar em simples traços um veículo, por ex.</p> <p><b>2ª.</b> No fim dos seis primeiros meses (1º semestre), o aluno deverá ser capaz de representar um grupo de objetos simples a cores sobre o papel de tonalidade apropriada por modelo à vista ou figurar uma cena escolhida ou ainda colorir um contorno impresso (sem modelo) a lápis de cor.</p> <p><b>3ª.</b> No fim dos seis primeiros meses (1º semestre) o aluno ainda deverá ser capaz de ornamentar a capa de um caderno com marcas a lápis ou de papel recortado ou, talvez, com uma decoração de gabaritos ou por impressão de carimbos.</p>
Recorte de marcas de papel de cor	3º	A. I a II	43 a 45	Fevereiro	
Exercícios de orientação e direção	2º	A. VII a IX	20 a 21	Março	
Aplicação de marcas de papel	3º	A. I a XI	43 a 45	Março	
Desenho de figuras encaixadas em contornos	2º	B. I a XIX	21 a 27	Abril	
Marcas decorativas a lápis de cor	3º	A. XII a XIII	46	Abril	
Chapas para decoração de objetos de papel	3º	B. I a VIII	46 a 47	Abril	
Desenho de memória (objetos simples)	2º	C. I a V	27 a 29	Maio	
Chapas decorativas em cores	3º	B. I a VIII	46 a 47	Maio	
Silhuetas a lápis de elementos florais	2º	D. I a V	29 a 30	Junho	
Desenho em quadricula	3º	C. I a II	47 a 48	Junho	
Desenho por observação de objetos	2º	D. VI a VIII	30	Julho	
Chapas de dobraduras para aplicação em cores	3º	C. III e IV	48	Julho	
Coloridos a lápis	2º	E. I a X	31 a 33	Agosto	
Aplicação de elementos decorativos	3º	D. I a X	49 a 51	Agosto	

Cópia do natural em coloridos	2º	F. I a VIII	33 a 36	Setembro	<b>2º Semestre</b>  <b>1ª.</b> Nos últimos quatro meses do ano, o aluno deverá ser capaz de compor uma cena de conto infantil ou uma paisagem simples em recorte de silhuetas.  <b>2ª.</b> Nos últimos quatro meses do ano letivo, o aluno ainda deverá ser capaz de ornamentar uma caixinha da capa de caderno ou sobre carta com decoração adequada.
Aplicações de carimbos ornamentais	3º	D. I a X	49 a 51	Setembro	
Representação de grupos de objetos	2º	F. IX a XXIV	36 a 39	Outubro	
Recorte de silhuetas para dobraduras	3º	E. I a IX	51 a 55	Outubro	
Tecelagem de papel e sua aplicação	4º	A. I a XVII	63 a 67	Outubro	
Desenho elementar de ornato	2º	G. I a X	39 a 41	Novembro	
Letreiros por meio de recortes de dobraduras	3º	G. I a IX	60 a 61	Novembro	
<b>2º ano</b>					<b>1º e 2º semestre do 2º ano</b>
Recorte de silhuetas	3º	E. X a XII	55 a 56	Fevereiro	1ª – Cartaz com elementos florais (recorte em papel).
Elementos florais	3º	F. I a XV	56 a 59	Março	
Letreiros e cartazes	3º	G. I a X	60 a 61	Abril	2ª – Decoração de sobrecarta, caderno ou caixinha com elementos geométricos.
Desenho construtivo	4º	B. I a IV	69 a 74	Maió	
Rudimentos de projeção	4º	B. V a VIII	76 a 85	Junho	3ª – Ornamentação de capa de livro.
Exercícios de ornamentação	4º	C. todo	87 a 91	Julho	
Coloração com aquarela	5º	A. I a XI	93 a 95	Agosto	4ª – Decoração de capa de caderno ou caixinha com silhueta a pincel.
Cenas e Paisagens	5º	B. I a XXXII	96 a 103	Setembro	
Paisagens a aquarela	5º	B. I a XXXII	96 a 103	Outubro	5ª – Feitura e ornamentação de capa de livro com paisagem ou cena aquarelada.
Aplicações diversas	5º	C. I a V	103 a 104	Novembro	

**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

O primeiro importante destaque, ao analisarmos a orientação transcrita no Quadro 2, é a ausência de saberes geométricos dentre os assuntos a serem estudados. Com efeito, a obra tomava como pressuposto o conhecimento, por parte dos destinatários, dos saberes geométricos relativos as figuras geométricas e suas construções, bem como a nomenclatura de posições relativas entre figuras. Segundo os autores,

certas formas regulares, digam-se geométricas, são fundamentais de muitos contornos de objetos e que há de haver sempre uma preocupação capital na boa representação da forma geral aproximada de um corpo antes de se descer as minúcias figurativas (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 25).

Assim, conforme podemos depreender da citação, as formas geométricas eram vistas como base do desenho, mas o livro não trazia nenhuma revisão de ensino sobre tais assuntos. Inclusive, ao tratar sobre o contorno que serve de base para a elaboração do desenho, não era recomendado o uso de régua em nenhum momento e, ao tratar do círculo e da circunferência, havia a recomendação explícita de traçar a figura sem o auxílio do compasso.

No capítulo 2 do referido livro foram explorados o Desenho à mão livre, figurativo e de cópia. Além disso, exploraram-se as teorias sobre coloração e sua importância no desenho, terminando com uma introdução ao Desenho Ornamental que, segundo o currículo de 1926, era visto de modo mais aprofundado a partir do 3º ano de formação nas Escolas de Aprendizes Artífices. A proposta do curso era iniciar pelo desenho de memória, espontâneo e de inspiração sobre os contos infantis, dessa forma que as crianças eram estimuladas/motivadas pela ludicidade, o que também representava o pensamento froebeliano.

Ainda conforme a ordenação da obra, o desenho de memória era seguido pelo Desenho de cópia do natural, dependente da observação “a fim de aprender a adaptação do desenho ao original” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 33). O treino da observação também era estimulado no livro, que defende o fato de que “quem copia do natural deve, antes de tudo, procurar ver e apreciar devidamente os contornos e correspondentes coloridos” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 34). Após esse, havia uma introdução ao desenho de ornato que seria aprofundado após o 3º ano. Esse desenho de ornato era ensinado a partir da observação da escrita e juntamente com a Caligrafia.

O método intuitivo era bastante evidenciado na obra, assim como o pensamento pestalozziano. Além disso, o desenho de observação, decorativo, ornamental e de figuras traziam apelos à intuição psicológica e à razão sensitiva, principalmente por meio das ilustrações do livro. A orientação de que o aluno aprendesse “desenhando por formas tiradas de modelos da natureza” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 30) era recorrente.

Para os autores de *Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas Volume 1*, as inspirações/motivações dos desenhos a serem representados eram diversas, oriundas da observação, mas traziam uma particularidade que distinguia o desenho artístico e a arte aplicada à profissão. Os autores destacavam que

em matéria de arte, o amador sem orientação escolar dedica-se exclusivamente aos modelos que correspondem a seus pendores ou preferências, mas quem quer fazer do desenho aplicado profissão não deve estar com essas restrições, que na vida prática podem causar embaraços sérios e prejudiciais. O aluno verificará, de pronto, por sugestões do professor, que *tudo pode servir como objeto de estudo e ser afinal digno de exame e apreciação. Aprender a fazer bem qualquer desenho deve ser aspiração do bom estudante de arte aplicada* (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 37-38, grifo nosso).

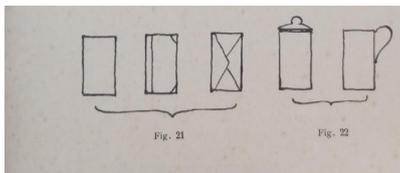
Portanto, a arte aplicada era pragmática e não subjetiva. As profissões que se utilizavam do Desenho deveriam ser voltadas ao serviço, sob pena de, arraigadas à subjetividade do artista e não ao pragmatismo do trabalho, poderiam causar embaraços e danos.

A ênfase na prática era categoricamente defendida e explorada em toda a obra. Os autores afirmavam que “Desenho e arte são conhecimentos adquiridos, não em livros, mas na prática” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 20) e, de acordo com essa perspectiva, durante todo curso do livro, ao longo do texto eram sugeridos exercícios práticos e orientados com qual postura e materiais o mesmo deveria ser realizado. Assim, orienta-se que “façam-se diversas figuras retangulares transformadas (fig. 21 e 22).” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 28), o que é observado na Figura 3. Para ensinar como construir um círculo, modelo do contorno de diversas figuras, orienta-se que

No expediente mais simples de fazer um círculo, pela primeira vez, usa-se um botão comum ou uma moeda ou outro objeto circular de fácil obtenção, com o tamanho requerido (fig. 2); mantendo-o com o dedo calcado sobre o papel, corre-se com a ponta do lápis em torno da beira, traçando a circunferência (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 22).

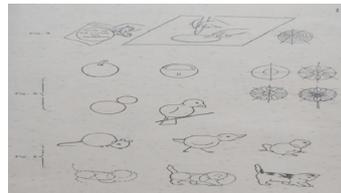
Ao que se segue as imagens da construção (conforme orientado) e de alguns desenhos de exemplo cujo círculo era base do contorno (ver Figura 4)

**Figura 3.** Figuras retangulares transformadas



**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

**Figura 4.** Contorno de desenho a partir do círculo segundo Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas Volume 1



**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

O adestramento do corpo para o desenho também era contemplado no livro. Era citada indiretamente a obra *Métodos Americanos de Educação Geral e Técnica*, de Buyse (1927), ao afirmar que “a educação dos músculos do braço para a execução das figuras, em curvas e linhas variadas no quadro negro, constitui o objetivo capital destes desenhos [referentes à forma e contorno]” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 27). Eram sugeridos, como exercícios de orientação e direção, ações físicas tais como

a criança dá a mão *direita* para cumprimentar; avisa ao professor de que sabe a resposta de uma pergunta com a mão *esquerda*; levanta os dois braços a *altura igual, acima da cabeça, até a dos olhos, e mostram com o dedo objetos, designados, direções determinadas, trazem a mão à altura dos olhos e visam sobre ela* (tal como lhes mostra o professor com o objetivo de ensinar essa atitude de grande valor na observação dos objetos que se devem desenhar a vista). (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 25, grifo dos autores).

Além disso, era indicado um trabalho conjunto com as aulas de ginástica e o escotearismo para também estes ajudarem na aprendizagem de orientação e no espaço. Bem como era descrito qual a postura própria para que os desenhos fossem feitos.

No capítulo 3, eram apresentados e explorados os elementos decorativos do Desenho. Neste momento iniciaram-se a conexão com os trabalhos manuais, em particular a cartanagem, a partir de recortes de papel. Ao longo deste capítulo era explorada a confecção de chapas, gabaritos, carimbos e outros elementos decorativos, tais como silhuetas, letreiros em cartazes e decoração com florais. Nessa confluência, os saberes práticos da confecção de objetos que auxiliam na decoração, tais como os gabaritos, chapas e carimbos, prevalecem em detrimento de saberes do desenho. Dessa forma, o capítulo acaba sendo mais voltado a exercícios de construção, inicialmente por meio de recortes de papel, dobraduras e marcas de lápis e, em seguida, inclusive com a confecção em cartolina das chapas e gabaritos, chegando às construções em madeira de carimbos. Assim, cabe ao entrelaçamento de conteúdos proposto pelos autores e apresentado no Quadro 2 aprofundar a relação entre o Desenho e os objetos decorativos a partir destes.

Na obra, decoração era entendida como “forma de dispor ornamentos em boa ordem” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 43), sendo que essa boa ordem era vista como dispor as coisas de forma sistemática. Sugerem-se motivos diversos para inspirar os elementos decorativos, dentre os quais animais, folhas e flores, bem

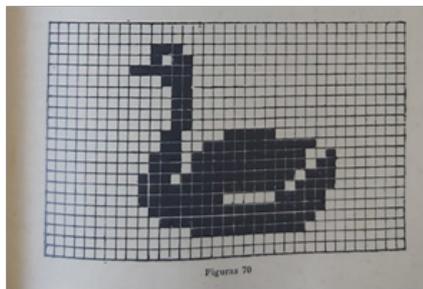
como formas geométricas.

Dessa forma, o recurso ao papel quadriculado é estimulado para o desenho decorativo. Contudo, já anteriormente o é para a construção de desenhos de contornos e de chapas decorativas como podemos ver na Figura 5.

As chapas e gabaritos são instrumentos confeccionados para auxiliar no contorno (chapas) ou no preenchimento (gabaritos) de elementos decorativos. A obra estimula sua confecção para respeitar a simetria e a disposição do elemento decorativo no sistema estabelecido para a ornamentação.

Outro elemento decorativo cuja relevância é apontada na obra são os carimbos. É orientado como confeccioná-los e o modo como os mesmos devem ser utilizados para decoração coloridas. Na Figura 6 a seguir vemos o esquema de confecção e um exemplo de decoração realizada por carimbos conforme disposto no livro.

**Figura 5.** Sugestão de uso do papel quadriculado para confecção de chapas



**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

**Figura 6.** Esquema de confecção de carimbo



**Fonte:** Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico (1928).

Com a confecção de carimbos, temos o reforço da associação entre o desenho e os trabalhos manuais na arte industrial que deveria ser ensinada na profissionalização dos artífices, o que continua a ser realizado ao longo da obra. Um trecho dessa nos mostra, com clareza, o entendimento desta indissociabilidade e, conjuntamente, uma sequência de raciocínio lógico de introdução desta interligação sem prejuízo ao método de ensino defendido.

A primeira parte do ensino de trabalhos manuais relacionados com o desenho deve consistir, pelas razões óbvias no caso, de exercícios recreativos, tendentes a despertar no aluno o necessário interesse pelo estudo do contorno como vem sendo preconizado. Seria, entretanto, bem condenável forçar as crianças a somente figurar contornos, desde o princípio, e subiria de ponto o atentado contra o *método intuitivo (o único lógico no ensino preparatório)*, se se quisesse exigir o traçado de linhas verticais, horizontais, paralelas etc., como se se tratasse de um exercício de caligrafia ou, ainda, se se começasse por uma prelação de construções geométricas. Apresenta-se, como ótimo exercício de introdução, com o acentuado caráter de trabalho manual, o recorte de silhuetas, que a criança faz com prazer, executando espontaneamente o contorno de um objeto, cujas formas conhece. (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 51, grifo nosso).

Destacamos, na citação, a defesa afirmativa que o método intuitivo foi o método único a ser seguido para o ensino de Desenho e Trabalhos Manuais nas Escolas Profissionais Técnicas e a crítica ao ensino de Desenho introduzido e associado à Caligrafia, como realizado nas escolas normais, ou iniciado pelas construções geométricas.

Ainda nos norteando pelo Quadro 2, o 1º ano do curso pré-vocacional de Desenho e Trabalhos Manuais encerra-se com os letreiros a serem desenhados e confeccionados por meio de dobraduras. A obra apresenta-nos a justificativa de que toda representação em desenho precisava de uma inscrição ou letreiro explicativo como complemento indispensável e que a má confecção desses poderia prejudicar todo o trabalho gráfico. Assim, a confecção de letreiros era fundamental e o uso de dobraduras forneceria um caráter recreativo à ação.

No capítulo 4 outra conexão do Desenho com os trabalhos manuais era realizada por meio da tecelagem e da dobradura. Nele, eram introduzidos conceitos do Desenho Construtivo que eram explorados no volume 2 e eram apresentados exercícios que envolvem a ornamentação e os letreiros. Por fim, o capítulo 5 dispunha de exercícios de coloração onde a técnica da aquarela era o principal instrumento explorado.

Ainda no Quadro 2 podemos encontrar algumas intencionalidades de natureza docimológica no livro da Comissão Lüderitz acerca das denominadas “Provas de capacidade” dos alunos. Segundo Chervel (1990) a função destes critérios de avaliação engendra dois importantes fenômenos.

O primeiro, é a especialização de certos exercícios na sua função de exercícios de controle. [...] O segundo fenômeno é o peso considerável que as provas do exame final exercem por vezes sobre o desenrolar da classe e, portanto, sobre o desenvolvimento da disciplina, ao menos de algumas de suas formas. (CHERVEL, 1990, p. 206).

Dessa forma, ao apresentar aos professores e alunos quais os critérios de avaliação ao longo do ano letivo, o livro induz uma nova estratégia de remodelação do ensino de Desenho, destacando certos conhecimentos como imprescindíveis para que a finalidade da disciplina seja atingida. A ideia de padronização da evolução do aluno é diretamente abordada na obra ainda em sua introdução, pois afirma-se que os pontos escolhidos para meios de apuração do progresso dos alunos buscam a padronização e têm sua inspiração nos chamados “test” norte-americanos.

No primeiro semestre, era orientado o ensino de desenho de memória e decoração (recorte e aplicação de marcas de papel), contudo a ênfase a ser dada na avaliação era exclusiva ao desenho, pois “no fim dos três primeiros meses o aluno deveria ser capaz de representar em simples traços um veículo, por ex.” (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 6) o que reforça que a estética e arte não seriam imprescindíveis, mas a capacidade de expressar-se o seriam. Ao final do primeiro semestre destacam-se duas capacidades que deveriam ser adquiridas: através do desenho de cópia representar um grupo de objetos simples com coloração e ornamentar uma capa de caderno, seja por marcas a lápis ou com papel recortado, gabaritos ou carimbos. Nisto já se observa uma maior valorização da estética sob o trabalho produzido, bem como a articulação entre o desenho e os trabalhos manuais de cartonagem (na construção e utilização de papel recortado, gabaritos ou carimbos). Tais habilidades seriam reforçadas no segundo semestre do primeiro ano, onde novamente a ornamentação (agora de uma caixa) seria prova de capacidade, bem como, o desenho de silhuetas a partir da memória de uma cena de conto infantil e/ou da observação de uma paisagem.

A partir do segundo ano seria aprofundada mais a concepção da relação entre o desenho e os trabalhos manuais juntamente com a perspectiva artística de estímulo à estética na decoração ou ornamentação de objetos. Nisso, os motivos mais diversos seriam explorados como viáveis para decoração e ornamentação, quer sejam florais, quer figuras geométricas, silhuetas ou aquarelas.

O segundo ano do curso de Desenho e Trabalho Manuais preconizado pelo Serviço de Remodelação servia de etapa intermediária, de transição do Desenho Figurativo e de Decoração para o Desenho Construtivo que viria a ser aprofundado nos anos seguintes, sob a nomenclatura de Desenho de Ornato e de Escala e de Desenho Industrial e de Tecnologia. Nesta etapa intermediária, como demonstra o Quadro 2, iniciava-se com uma retomada de alguns elementos de cunho decorativo do primeiro ano, seguido de introdução ao Desenho Construtivo e das Projeções, que eram vastamente exploradas em no volume seguinte da obra, mas ainda norteada pelos capítulos finais do volume 1. Nestes capítulos surgiam as primeiras menções

ao apoio de instrumentos de construção geométrica, que indicava que o Desenho Construtivo tinha um forte elo com a Geometria. Isso era confirmado pelo próprio texto ao afirmar que

a transição, que convém sempre gradativa, dos exercícios recreativos ensaiados no começo do ano escolar com o traçado de figuras geométricas [...] para a verdadeira construção gráfica, baseada, sempre, em aproveitamento de princípios de geometria e, por isso, também dependentes da perfeição do traçado. (SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO, 1928, p. 67).

Assim, seguia-se o ensino de Desenho Construtivo, sempre partindo de figuras geométricas, tais como círculo, pentágonos, hexágonos e polígonos regulares com a recomendação de que, seu possível, fossem utilizados instrumentos de construções geométricas. Contudo, a obra ainda deixava claro que não se deveria aprofundar nos conceitos geométricos e suas propriedades, problemas ou fórmulas, relegando isso ao ensino de geometria. Por fim, a orientação para o segundo ano, assim como o volume 1 de Curso de Desenho elaborado pelo Serviço de Remodelação, terminava com o ensino de coloração por aquarela.

### Considerações Finais

Vimos que, com a mudança de predomínio dos atores sociais que lideravam a Educação Profissional brasileira ocorrida na década de 1920, esse campo educacional passou por mudanças consideráveis em sua organização e estruturação, apesar de manter-se na mesma concepção de formação de mão-de-obra sobre o pretexto de suprir as necessidades das indústrias brasileira surgidas na Primeira República, mas também com a clara motivação de oferecer às populações ociosas das cidades uma alternativa educacional que satisfizesse o desejo das elites republicanas de manterem a classe popular sob seus parâmetros sociais e em seu papel instrumental na busca da modernização e desenvolvimento.

Detendo a autoridade e incumbência de reformar a Educação Profissional do país, os engenheiros e educadores liderados por João Lüderitz no Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional buscaram em nas concepções oriundas de sua formação e nas ideias em circulação na Europa e nos Estados Unidos novas propostas de organização do sistema educativo criado pelo Estado em 1909 e estratégias de difusão dessas propostas. Dentre as quais destacamos a confecção e distribuição de manuais didáticos que continham suas concepções e foram impostos às Escolas de Aprendizes Artífices de modo a normatizar a prática de ensino.

Entendemos que a ruptura entre o Desenho e a Geometria que inicialmente poderíamos perceber na obra, em especial através de seu capítulo introdutório, era apenas aparente. Com o primeiro volume de Curso de Desenho para Escolas Profissionais Técnicas, o ensino de Desenho nas Escolas de Aprendizes teve uma ligação dos saberes de Desenho com saberes artísticos e com os trabalhos manuais, mas não abandonou sua dependência dos saberes geométricos, apenas entendeu-os como pré-requisitos ou co-requisitos que os discentes deveriam possuir em outras disciplinas ou previamente. Dessa forma, vê-se que a atuação do Serviço de Remodelação já começara a alterar a disciplina Desenho na Educação Profissional, tanto em seu papel quanto em suas práticas de ensino.

A ênfase ao ensino prático foi reforçada pelos itens das provas de capacidade. Todos eram essencialmente *art de faire*, voltados à decoração através das técnicas ensinadas ao longo do ano. Essa ênfase foi fortemente influenciada pela formação dos engenheiros na Escola de Engenharia de Porto Alegre e reforçada pelos contatos internacionais vistos através das obras estrangeiras citadas nos manuais produzidos.

Entendemos que, para o primeiro ano, o ensino de Desenho nas escolas profissionais aproximava-se do conhecimento desta disciplina nas instituições não-profissionalizantes, tanto pelo programa, quanto pelos motivos de desenhos e pelo método intuitivo, diferenciando-se apenas pela ligação mais evidente com os Trabalhos Manuais. Mas a partir do 2º ano do curso pré-vocacional a Arte Industrial voltava a aproximar-se da Geometria. Essa aproximação era aprofundada após a etapa pré-vocacional.

O estudo realizado ainda pode e deve ser ampliado. Como descrito na historiografia das disciplinas escolares, os manuais didáticos são fontes privilegiadas de estudo. Contudo, os apontamentos e análises aqui realizados realizam uma contribuição valiosa para o aprofundamento deste domínio de conhecimento. Ainda desejamos, em trabalhos posteriores, apresentar a análise do segundo volume da obra Curso de Desenho confeccionada pelo Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico e desenvolvermos uma visão geral desta obra e de suas implicações para a Educação Profissional.

## Referências

BARBARESCO, C. S.; COSTA, D. A. *A expertise de João Lüderitz: A organização do ensino de aritmética nas Escolas de Aprendizes Artífices (1920 – 1926)*.

**REMATEC:** Revista de Matemática, Ensino e Cultura, Belém, v. 15, n. 34, p. 48 – 69, 2020.

BARBOSA, R. **Obras Completas de Rui Barbosa:** Lições de Coisas: volume XIII, 1883, Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1950.

BRASIL. **Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909.** Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário gratuito. 1909a Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.649 de 11 de novembro de 1909.** Cria nas Escolas de Aprendizes Artífices, a que se refere o decreto n. 7.566, de 23 de setembro último, os lugares de professores dos cursos primários noturnos e de desenho e dá outras providências. 1909b. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7649-11-novembro-1909-525418-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 jul. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.763 de 23 de dezembro de 1909.** Altera os decretos 7.566 e 7.649, de 28 de setembro e 11 de novembro últimos, referentes a criação de escolas de aprendizes artífices nas capitais dos estados e a nomeação de professores para os respectivos cursos noturnos – primário e desenho. 1909c. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7649-11-novembro-1909-525418-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23. jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro da Agricultura, indústria e Comércio Miguel Calmon du Pin e Almeida:** Ano de 1925. 1925. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2021/000501.html>. Acesso em: 28 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro da Agricultura, indústria e Comércio Germiniano Lyra Castro:** Ano de 1926. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/182544>. Acesso em: 28 set. 2020.

BUYSE, O. **Métodos Americanos para a Educação Geral e Técnica.** Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1927.

CHARTIER, R. **A história cultura – entre práticas e representações.** Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.* Trad.: Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

CHERVEL, A. *História das Disciplinas Escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa.* **Teoria**

**& Educação**, [S.l.] v.2, p. 177-229, 1990.

CUNHA, L. A. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, p. 89 – 107, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141324782000000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782000000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 jun. 2020.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios nos primórdios da industrialização**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

FONSECA, C. S. da. **História do ensino industrial no Brasil**. Rio de Janeiro: ETN, 1961. v.1.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

QUELUZ, G. L. Método Intuitivo e Serviço de Remodelação do Ensino Técnico Profissional. **Revista Educação & Tecnologia**. Curitiba, v. 3, n. 2, p. 96-114, 1998.

RÜSEN, J. **Teoria da História: uma teoria da História como ciência**. Trad.: Estevão C. de Resende Martins. Curitiba: Editora da UFPR, 2015.

SERVIÇO DE REMODELAÇÃO DO ENSINO PROFISSIONAL TÉCNICO. **Curso de Desenho para as Escolas Profissionais Técnicas**. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1928. v.1: Desenho Figurativo.

SHIMIZU, Y. Cem anos da Educação Profissional Industrial no Brasil. **Revista Tecnologia e Humanismo**, Curitiba, v. 24, n. 39, p. 7– 38, 2010.

SILVA, J. C. C. **Educar a mão e o olhar para o trabalho: A disciplina Desenho na Escola de Aprendizes Artífices do Rio Grande do Norte (1909 – 1937)**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Recebido em 05 de julho de 2021.

Aceito em 28 de julho de 2021.